

Síntese
Perspectivas do Investimento Internacional:
Edição de 2002

Overview
International Investment Perspectives: 2002 Edition

Portuguese translation

As sínteses são excertos de publicações da OCDE,
encontrando-se livremente disponíveis na livraria em linha :

www.oecd.org/bookshop/

Esta síntese não é uma tradução oficial da OCDE.



ORGANISATION FOR ECONOMIC CO-OPERATION AND DEVELOPMENT

ORGANIZAÇÃO PARA A COOPERAÇÃO E DESENVOLVIMENTO ECONÓMICOS

Tendências e Evolução Recente do Investimento Directo Estrangeiro (IDE)*

I. Tendências recentes

O declínio acentuado do IDE na zona da OCDE...

Entre 2000 e 2001, registou-se a maior queda de entradas e saídas de investimento directo estrangeiro (IDE) das últimas décadas nos países da OCDE. O total de fluxos na zona da OCDE desceu de 1270 mil milhões para 566 mil milhões de USD, o que corresponde a um decréscimo global de cerca de 56 por cento (Quadro 1). No que respeita aos países não-membros da OCDE, embora não se disponha ainda de dados seguros, há informações preliminares que apontam para um ligeiro acréscimo da sua quota-parte de IDE em 2001, devido a um declínio menos acentuado dos fluxos de entrada. Segundo os cálculos actualmente disponíveis, em 2001 o total de saídas a partir dos países da OCDE elevou-se a 593 mil milhões de USD, com a zona da OCDE a apresentar-se como exportador líquido de IDE no valor de 27 mil milhões de USD, contra 12 mil milhões em 2000. (Ver na Caixa 1 a descrição metodológica dos dados estatísticos da OCDE relativos ao investimento directo estrangeiro.)

... teve incidências diferentes em cada país...

O acentuado declínio do IDE afectou de maneira diferente cada país. As maiores quedas do volume de entradas registaram-se na Alemanha e na Bélgica-Luxemburgo (aproximadamente 80 por cento, em ambos os casos). Este valor é influenciado por transacções de grande importância histórica realizadas em 2000, motivadas por algumas transferências internacionais da propriedade de grandes empresas. Os países que, por tradição, maior investimento directo realizavam – os Estados Unidos da América e o Reino Unido – viram reduzidos os respectivos fluxos de entrada em IDE, atingindo valores semelhantes à média da OCDE. Os fluxos de entrada no Japão estavam a recuperar do nível comparativamente mais baixo registado em 1999, mas em 2001 voltaram a baixar um pouco. Entre as maiores economias da OCDE, a França e a Itália contrariaram a tendência, atraindo um volume maior de entradas de IDE em 2001.

* * O presente artigo foi preparado por Hans Christiansen e Ayse Bertrand, da Divisão de Movimentos de Capitais, Investimento Internacional e Serviços. Agradecimentos especiais são devidos a Arnaud Humblot, da Dealogic, pelo grande apoio dado em matéria de estatísticas de Fusões e Aquisições (F&A). Agradece-se igualmente a Thomas Hatzichronoglou, da Direcção da Ciência, Tecnologia e Indústria da OCDE, o contributo dado a este artigo.

Quadro 1. Fluxos de investimento directo, países da OCDE, 1998-2001

(milhares de milhões de USD)

	Entradas				Saídas			
	1998	1999	2000p	2001e	1998	1999	2000p	2001e
Austrália	6.1	5.7	11.9	5.1	3.4	3.0	5.1	11.4
Áustria	4.5	3.0	8.8	5.9	2.7	3.3	5.7	3.0
Bélgica-	22.7	38.7	243.3	51.0	28.5	34.0	241.2	67.3
Luxemburgo								
Canadá	22.6	25.2	63.3	27.6	34.6	18.4	44.0	37.0
República Checa	3.7	6.3	5.0	4.9	0.1	0.1	0.1	0.0
Dinamarca	7.7	6.8	14.5	4.1	4.5	7.0	6.6	6.1
Finlândia	12.1	4.6	8.8	3.6	18.6	6.6	24.0	7.3
França	31.0	47.1	42.9	52.6	48.6	120.6	175.5	82.8
Alemanha	24.6	54.8	195.2	31.8	88.8	109.4	49.8	43.3
Grécia	..	0.6	1.1	1.6	..	0.5	2.1	0.6
Hungria	2.0	2.0	1.6	2.4	0.5	0.3	0.6	0.3
Islândia	0.1	0.1	0.2	0.2	0.1	0.1	0.4	0.3
Irlanda	8.9	19.0	24.1	9.8	3.9	5.4	4.0	5.4
Itália	4.3	6.9	13.4	14.9	16.1	6.7	12.3	21.5
Japão	10.2	21.1	29.0	17.9	39.9	65.3	49.8	32.5
Coreia	5.2	10.7	10.1	3.2	3.4	2.1	3.5	2.6
México	11.9	12.5	14.7	24.7	3.7
Países Baixos	37.9	31.9	54.3	55.6	38.8	41.5	72.0	44.4
Nova Zelândia	1.8	0.9	1.3	3.2	0.4	1.1	0.6	0.7
Noruega	4.0	7.5	6.0	2.2	2.5	5.5	8.3	-1.0
Polónia	6.4	7.3	9.3	6.8	0.3	0.0	0.0	0.1
Portugal	3.1	1.2	6.4	3.3	3.8	3.2	7.7	5.1
República	0.5	0.4	2.1	0.6	0.1	-0.4	0.0	0.1
Eslovaca								
Espanha	11.8	15.8	37.5	21.8	18.9	42.1	54.7	27.8
Suécia	19.6	60.9	23.4	12.9	24.4	21.9	40.6	6.4
Suíça	8.9	11.7	16.3	10.0	18.8	33.3	42.7	16.3
Turquia	1.0	0.8	1.7	3.3	0.4	0.7	1.0	0.6
Reino Unido	70.6	82.9	119.7	53.8	121.8	205.8	255.1	39.5
EUA	179.0	289.5	307.7	130.8	142.6	188.9	178.3	127.8

Notas: Dados convertidos com base nas taxas de câmbio médias anuais.

Grécia: 1999-2001; fonte: FMI.

Coreia e Países Baixos: 2001; fonte: FMI.

México: saídas 2001; fonte: FMI.

Hungria: 1998; fonte: FMI.

República Eslovaca: Dados relativos apenas ao capital social. Dados de 2001 abrangem o período de Jan.-Set. 2001.

Fonte: Base de Dados da OCDE sobre Investimento Directo Estrangeiro.

Caixa 1. Estatísticas do investimento directo estrangeiro

Definições e cobertura

Investimento directo: tipo de investimento internacional feito por uma entidade residente num determinado país (investidor directo) com o objectivo de estabelecer um interesse duradouro numa empresa residente num país diferente daquele onde se encontra registado o investidor (empresa de investimento directo). “Interesse duradouro” implica a existência de um relacionamento de longa duração entre o investidor directo e a empresa, bem como um grau importante de influência exercida pelo investidor directo sobre a gestão dessa empresa. O investimento directo inclui a transacção inicial entre as duas entidades e todas as posteriores transacções de capital entre ambas e as respectivas empresas subsidiárias, registadas ou não.

Empresa de investimento directo é uma sociedade registada onde um investidor estrangeiro possui 10 por cento ou mais das acções ordinárias ou dos direitos de voto, para uma sociedade registada ou não registada onde um investidor estrangeiro detém uma propriedade equivalente. Ser-se proprietário de 10 por cento das acções ordinárias, ou dos direitos de voto, é o factor que determina a existência de uma relação de investimento directo. A presença de uma “voz efectiva na gestão”, testemunhada pela propriedade de pelo menos 10 por cento, implica que o investidor directo tem capacidade para influenciar a gestão da empresa, ou participar nela; não se exige controlo absoluto pelo investidor estrangeiro. Definem-se como empresas de investimento directo os seguintes tipos de empresas, directa ou indirectamente ao investidor directo:

- Subsidiárias (empresa pertencente, a mais de 50 por cento, a um investidor não-residente).
- Associadas (empresa pertencente, entre 10 a 50 por cento, a um investidor não-residente).
- Sucursais (empresa não agregada, total ou conjuntamente detida por investidor não-residente).

Acções com direito a voto são as acções ordinárias ou participações que outorgam direito de voto ao respectivo titular. Estas acções podem ser “valores quotados” (ou seja, acções ordinárias ou participações quotadas num mercado de valores oficial), ou “valores não quotados” (ou seja, acções ordinárias ou participações não quotadas num tal mercado).

Metodologia

As restantes directrizes metodológicas relativas à compilação de dados estatísticos de IDE podem ser consultadas em *OECD Benchmark Definition of Foreign Direct Investment, 3rd edition* e em *IMF Balance of Payments Manual, 5th edition*.

Comparabilidade

A comparabilidade das estatísticas de IDE entre os vários países-membros da OCDE tem melhorado substancialmente, embora se prevejam esforços complementares para assegurar maior coerência internacional. Num recente estudo conjunto do FMI e da OCDE, intitulado *Report on the Survey of Implementation of Methodological Standards for Direct Investment*, procura-se analisar a comparabilidade das estatísticas de IDE dos países da OCDE.

Fonte: O *International Direct Investment Statistics Yearbook* da OCDE fornece dados estatísticos pormenorizados sobre fluxos de entrada e saída de IDE, baseando-se nos relatórios apresentados pelos países da OCDE. Em www.oecd.org pode encontrar mais pormenores. O presente artigo recorreu às estatísticas de balança de pagamentos do FMI, sempre que as estatísticas da OCDE eram incompletas.

... e desvalorizou o papel dos Estados Unidos da América como importador líquido de IDE.

Embora a mesma tendência geral se verificasse (sem surpresa) quer para fluxos de saída quer para fluxos de entrada IDE, convém referir algumas diferenças entre países. Em especial, parece ter enfraquecido em 2001 a tendência, anteriormente observada, no sentido de a consolidação internacional das empresas afectar tanto os fluxos de entrada como os fluxos de saída de IDE de cada país. Embora inferiores aos de 2000, os fluxos de saída a partir dos EUA aguentaram bem em termos comparativos, representando mais de 21 por cento do total de saídas de IDE a partir dos países da OCDE em 2001. Os fluxos de saída de investimento directo a partir da Alemanha também não baixaram muito em 2001 e o país regressou à situação de exportador líquido de IDE, existente antes de 2000. Em contrapartida, países como o Reino Unido e a Suécia viram os respectivos fluxos de saída de IDE baixar quase 85 por cento.

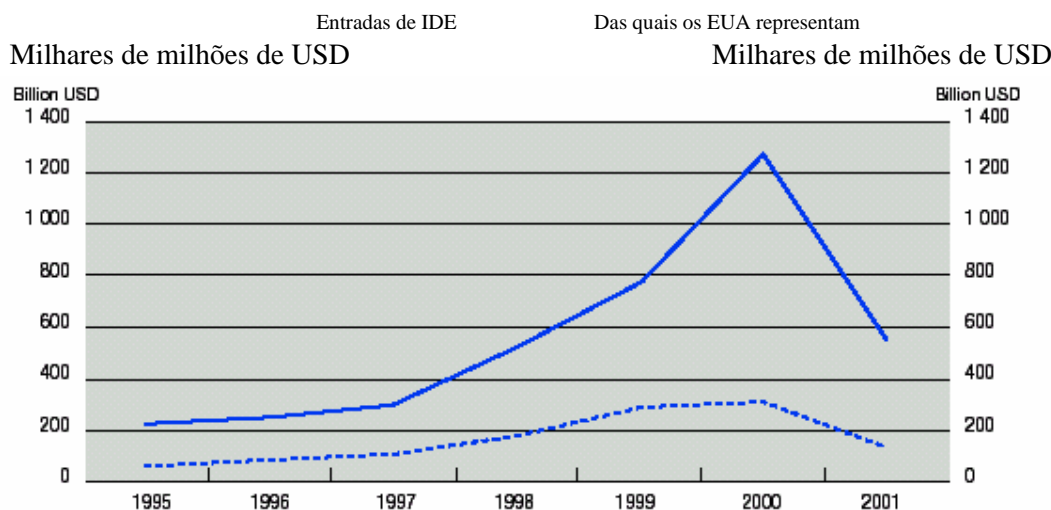
a) Interpretação das tendências

A queda ocorreu a partir de níveis historicamente elevados...

Ao avaliarmos as causas da descida do investimento internacional em 2001, é essencial recordar os níveis de IDE do ano anterior. Em 2000, o total de IDE elevou-se ao máximo de sempre, seis vezes superior aos níveis registados apenas cinco anos antes (Figura 1, Painel A). A queda observada entre 2000 e 2001 eliminou, no essencial, dois terços desse aumento, reduzindo os fluxos de IDE para um nível somente duas vezes superior ao alcançado em meados dos anos 90. Por outras palavras, a evolução registada em 2001, mais do que o início do declínio dos fluxos de investimento internacional, parece ter correspondido a uma correcção para níveis mais sustentáveis, na sequência de uma possível “bolha de investimentos” em 1999 e 2000.

Figura 1. Razões de mudança no IDE

Painel A. Fluxos de entrada de IDE nos países da OCDE



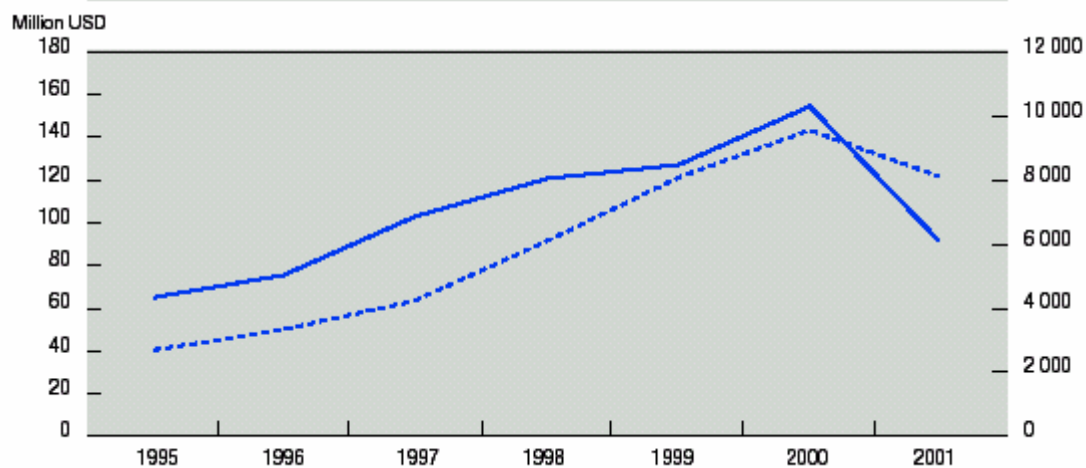
Fonte: Base de Dados da OCDE sobre Investimento Directo Estrangeiro.

Painel B. Fusões e aquisições internacionais a nível mundial: ofertas e volumes

Volume médio de oferta

Número de ofertas (escala direita)

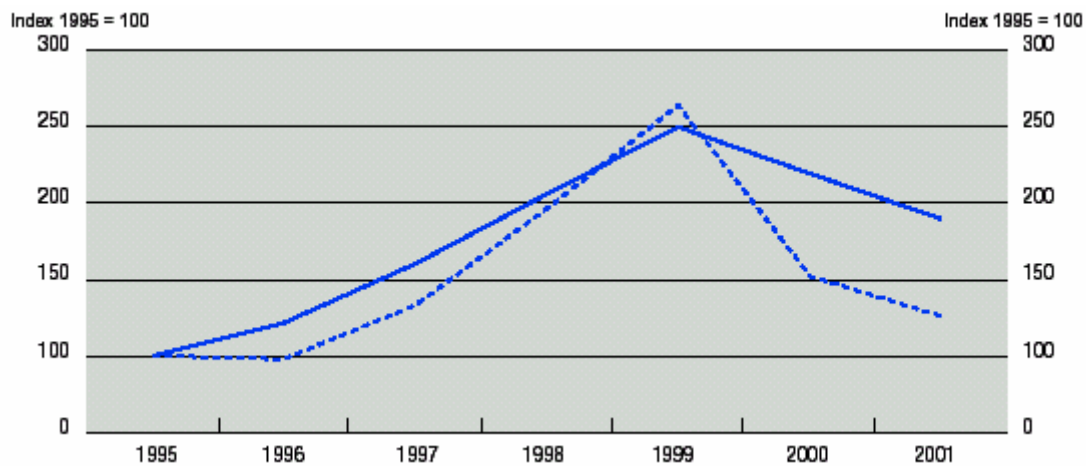
Milhões de USD



Fonte: Dealogic.

Figura 1. Razões de mudança no IDE (cont.)

Painel C. Índices bolsistas nos EUA

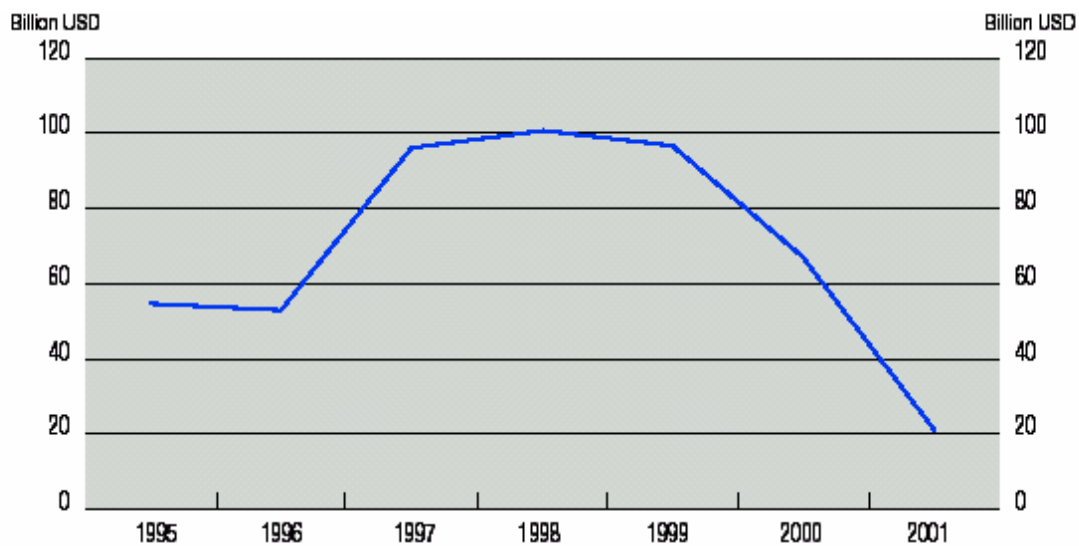


Fonte: Thompson Financial.

Painel D. Total de receitas com privatizações nos países da OCDE

Milhares de milhões de USD

Milhares de milhões de USD



Fonte: Estatísticas da OCDE sobre Privatizações.

... devido a uma vaga de aquisições de empresas em 1999 e 2000.

Grande parte do crescimento do IDE registado em 1999 e 2000 verificou-se nas maiores economias da OCDE, assumindo em grande medida a forma de fusões e aquisições (F&A) resultantes de uma vaga de operações de reestruturação e reposicionamento entre empresas multinacionais a nível mundial. A aceleração do esforço de privatização levada a efeito pelas autoridades também deu um contributo, sobretudo nos países não-membros da OCDE. Acresce que os dados concretos relativos a F&A (analisados em pormenor adiante) indicam que o aumento da actividade se deveu quer ao número de transacções quer ao preço médio pago por uma aquisição empresarial específica (Figura 1, Painel B).

A sobrevalorização do mercado de valores no passado foi outro factor...

Excepção feita à hipótese improvável de esta sobrevalorização indicar apenas um crescimento do volume médio dos alvos da aquisição, parte do crescimento do investimento directo estrangeiro (IDE) deve portanto atribuir-se a alterações da valorização – isto é ao elevadíssimo preço do capital nos finais da década de 90 (Figura 1, Painel C). Isto parece ter afectado o investimento internacional de uma outra maneira, uma vez que aumentou a liquidez do sector empresarial ao aliviar as restrições de financiamento das empresas quotadas em bolsa. Outra mudança com efeito semelhante foi o desenvolvimento de mercados mais profundos e mais líquidos para as obrigações de capital e as obrigações de empresas na zona euro.

... bem como o surto de privatizações dos serviços públicos.

Porém, seria demasiado simplista atribuir-se o *boom* de IDE registado no final dos anos 90 apenas a uma sobrevalorização dos preços do capital. Aparentemente as relações de causa-efeito foram mais complexas. Por exemplo, o surto de privatizações observado entre meados e finais da década de 90 (Figura 1, Painel D) introduziu no mercado grandes quantidades de acções de novos serviços públicos, em especial do sector das telecomunicações. Rapidamente quotadas a preços optimistas, estas acções foram objecto de transacções internacionais pelos investidores. Poderia parecer que o pequeno *boom* de investimento directo estrangeiro observado nas principais economias da OCDE em 1999 e 2000 se deveu à conjugação entre preços elevados, expectativas descontroladas e à presença de uma activa comunidade internacional de investidores. Ao invés, o declínio registado desde então é influenciado pela deflação dos preços do capital, por previsões mais tranquilas de rentabilidade empresarial para o actual abrandamento cíclico e, em especial para os EUA, por uma perda progressiva de confiança nos relatórios e contas das empresas.

b) Fusões e aquisições

Os dados de F&A para o primeiro semestre de 2002...

Uma indicação dos fluxos de investimento directo estrangeiro (IDE) para o primeiro semestre de 2002 pode deduzir-se dos dados de fusões e aquisições (F&A) relativos ao mesmo período. As F&A constituem um indicador especialmente significativo dos fluxos de IDE entrados nos países-membros da OCDE, na medida em que praticamente todas as operações de investimento directo estrangeiro realizadas nestes países (pelo menos em termos de valor) assumem a forma de alterações à

propriedade das empresas existentes.¹ No que respeita aos investimentos feitos por empresas dos países da OCDE em países não-membros, ao longo dos últimos dez anos uma percentagem crescente destas transacções de capital assumiram a forma de participações em privatizações, tornando assim o IDE ainda mais estreitamente associado aos fluxos de F&A. No entanto, é preciso sublinhar que os dados de F&A utilizados neste estudo foram fornecidos pela indústria, não cumprindo as definições estatísticas da OCDE. Por conseguinte, não é possível fazer comparações directas entre os dados de IDE e de F&A. (Ver síntese das definições dos dados de F&A utilizados nesta secção na Caixa 2.)

... indicam que o declínio continua, embora a um ritmo mais lento.

Entre Janeiro e inícios de Junho de 2002, o IDE entrado nos países da OCDE, através de fusões e aquisições, atingiu um valor ligeiramente inferior a 200 mil milhões de USD, contra os 636 mil milhões de USD entrados ao longo de todo o ano de 2001 (Quadro 2). Se considerarmos representativos os primeiros meses de 2002, então isso significa que os fluxos de entrada por F&A (e, por extensão, os fluxos de entrada de IDE) para a totalidade do ano se situaram entre 450 e 500 mil milhões de USD, o que equivale a uma queda agravada de cerca de 25 por cento. Nos primeiros cinco meses do ano, os fluxos de saída elevaram-se a 185 mil milhões de USD (Quadro 3), o que dará para todo o ano um decréscimo médio de cerca de 20 por cento. Se a realidade vier a confirmar estes números, em 2002 os fluxos de entrada e saída de investimento directo estrangeiro (IDE) nos países da OCDE terão descido para o seu nível mais baixo desde 1997. Convém recordar, contudo, os riscos inerentes ao uso de tais extrapolações. No segundo semestre de 2002, os fluxos de IDE poderão ter sido aumentados por uma retoma geral da actividade económica observada na maioria dos países da OCDE, ou diminuídos pelos novos surtos de debilidade dos preços do capital observados no início do verão.

O decréscimo da entrada de fundos nos EUA parece particularmente acentuado.

A mudança brusca da composição por país registada no primeiro semestre de 2002 merece algumas observações interessantes. Particularmente relevante é o facto de a quota parte dos fluxos de entrada na OCDE pertencente aos EUA ter baixado de 30 por cento em 2001 para escassos 17 por cento nos primeiros meses de 2002. De novo, se considerarmos representativos os dados referentes ao primeiro semestre de 2002 e os extrapolarmos para todo o ano, mais de metade da quebra total registada entre 2001 e 2002 é imputável à diminuição dos fluxos entrados na economia dos EUA através de fusões e aquisições. Ao invés, a importância relativa das economias da Europa continental parece ter aumentado, com a França e a Alemanha a receber mais de 20 por cento de todos os fluxos de entrada resultantes de fusões e aquisições durante o primeiro semestre de 2002 – contra apenas 14 por cento para todo o ano de 2001. Todo um conjunto de pequenos países da OCDE viram também aumentadas os seus fluxos globais resultantes de fusões e aquisições.

Caixa 2. Dados sobre Fusões e Aquisições (F&A): Fontes e Definições

Os dados sobre fusões e aquisições utilizados neste artigo foram disponibilizados para o efeito pela empresa de análise de investimentos bancários globais Dealogic, a partir da sua Base de Dados Global de F&A. Aplicaram-se à recolha de dados as seguintes definições:

Critérios de inclusão:

1. *Aquisições, fusões e vendas.* Incluem-se todas as transacções, de empresas públicas e privadas. Incluem-se operações de oferta pública, aquisição em mercado aberto, permuta de acções, privatização, aquisição reversiva, colocação de acções, recapitalização e aquisição de participações maioritárias.

2. *Aquisição de activos.* Incluem-se as compras de activos, entre os quais divisões e operações de empresas; restaurantes, bares, hotéis, casinos e outros activos da indústria do lazer; centros comerciais; jornais e publicações periódicas; aeroportos e portos; licenças telefónicas, de comunicação móvel e sem fios; direitos de distribuição farmacêutica e hospitais, residências para a terceira idade e outras instalações médicas.

3. *Aquisição de participações.* Incluem-se, sempre que possível, todas e quaisquer compras de participações superiores a 5 por cento em empresas públicas e privadas. A aquisição ou venda de participações menores também poderá ser incluída, quando se considerar que a participação adquirida ou vendida tem importância estratégica.

4. *Segregação, cisão e abertura de capital.* Incluem-se as cisões com privatização.

5. *Recompra de acções.* A recompra de acções é incluída ou excluída em função dos seguintes critérios: incluem-se as ofertas públicas de aquisição e as recompras como desinvestimento, bem como as recompras utilizadas como técnica defensiva; incluem-se igualmente outros programas de recompra que digam respeito a participações superiores a 10 por cento ou, em último lugar, se o valor do programa for superior a 50 milhões de USD.

6. *Empresa comum (joint venture).* Incluem-se as empresas comuns com importância estratégica. Ficam abrangidas as transacções ao abrigo das quais activos ou empresas existentes sejam adquiridos por uma empresa comum, ou fundidas na mesma. Por princípio, a criação de novas empresas para prosseguir interesses comuns não é abrangida.

Critérios de exclusão:

1. *Alianças ou acordos.* Não se considera a inclusão de alianças estratégicas (não confundíveis com as empresas comuns); acordos de distribuição, contratação e compra de clientes; e arrendamentos. Da mesma maneira não se incluem compras pelas empresas de produtos fabricados por outras empresas.

2. *Instrumentos financeiros.* Não se incluem na base de dados os seguintes instrumentos: opções, direitos, certificados de opções, instrumentos de dívida (*e.g.* obrigações subordinadas), colocações privadas que não sejam transacções de capital privado e empréstimos. Não se incluem as colocações de acções, primárias ou secundárias, salvo se cumprirem os critérios de desinvestimento ou privatização.

3. *Patentes e direitos de autor.*

4. *Reestruturações.* Definem-se como exercícios de reestruturação as transacções consideradas como fusão entre empresas subsidiárias totalmente pertencentes à mesma empresa, não sendo portanto incluídas.

Em www.dealogic.com pode encontrar informação suplementar e aceder em condições comerciais às amplas bases de dados da Dealogic.

Os padrões de saída de investimento pouco mudaram...

Em contrapartida, a composição geográfica dos fluxos de saída devidos a fusões e aquisições (F&A) não se alterou muito durante o primeiro semestre de 2002. A quota parte do total de fluxos de saída da OCDE pertencente aos EUA cresceu cerca de dois pontos percentuais para 26 por cento e, por conseguinte, os EUA tornaram-se exportadores líquidos de F&A, pela primeira vez em vários anos. Com o Reino Unido a representar 18 por cento dos fluxos de saída, os dois actores tradicionalmente mais importantes em matéria de transferências de propriedade de empresas multinacionais representaram quase metade dos fluxos de saída durante o primeiro semestre do ano.

... até mesmo para países que supostamente iriam ser afectados pela crise da Argentina.

Por fim, uma importante observação suplementar diz respeito aos países fora da zona da OCDE. Em plena crise financeira argentina, temeu-se que os investidores directos se afastassem da América do Sul, por efeito de “contágio do investimento directo estrangeiro”. No entanto, até agora poucos indícios surgiram de uma tal ocorrência. O Quadro 2 mostra que, embora o investimento na Argentina tenha praticamente desaparecido, a diminuição dos fluxos de fusões e aquisições para os vizinhos Brasil e Chile não é maior do que seria de esperar, atendendo à situação mundial de abrandamento do investimento. Por outro lado, alguns dos mais importantes países anfitriões de empresas estrangeiras no Leste Asiático parecem ter atraído pouco investimento durante o primeiro semestre do ano.

Deslocação sectorial dos multimédia para as empresas de serviço público.

A distribuição por sector, a nível mundial, dos fluxos internacionais de fusões e aquisições (F&A) ao longo do último ano e meio requer uma análise atenta. Por exemplo, a percentagem de F&A em muitos dos sectores “tradicionais” manteve-se em grande medida inalterada entre 2001 e 2002 (a verdade é que o sector agrícola e industrial praticamente não se alteraram, mantendo-se a 9-10 e 26 por cento, respectivamente), mas verificou-se uma deslocação significativa dentro do sector dos serviços. Enquanto que, em 2001, 43 por cento das fusões e aquisições a nível mundial se centraram nos serviços financeiros e nas empresas de informação e multimédia, no primeiro semestre de 2002 a sua percentagem do total de fluxos desceu para 26 por cento (Figura 2). Em contrapartida, o sector das empresas de serviço público e de construção que, em 2001, fora responsável por uma ínfima percentagem dos fluxos, subiu para quase um quarto em 2002. Esta subida parece dever-se ao facto de as privatizações das empresas de serviço público ocorridas em anos recentes ainda estarem a afectar as estatísticas. Porém, com a privatização actualmente a abrandar, é provável que isto signifique que a presente hegemonia das empresas de serviço público nas transacções internacionais de fusão e aquisição corresponde apenas a um fenómeno temporário.

Quadro 2. Fusões e aquisições internacionais, fluxos de entrada por país

(milhares de milhões de USD)

	1998	1999	2000	2001	Jan.-12Jun 2002
OCDE	617.4	879.6	1272.4	636.3	199.4
Austrália	12.8	29.2	19.2	17.6	5.6
Áustria	4.4	0.2	2.7	10.3	0.1
Bélgica-Luxemburgo	65.4	37.9	12.5	18.9	16.0
Canadá	18.3	31.2	139.3	50.9	14.4
República Checa	2.9	3.4	2.9	2.0	4.4
Dinamarca	9.6	6.5	14.1	1.5	1.3
Finlândia	22.7	4.9	5.0	4.3	2.7
França	38.5	29.3	50.8	27.5	14.8
Alemanha	20.1	63.8	293.2	60.8	25.4
Grécia	3.8	7.1	1.4	1.3	0.0
Hungria	1.2	1.1	3.9	0.6	1.0
Islândia	0.0	0.1	0.0	0.0	0.0
Irlanda	0.7	6.9	5.5	6.5	0.5
Itália	27.9	42.7	20.1	17.0	4.1
Japão	19.3	22.9	19.9	17.8	3.3
Coreia	7.3	19.6	9.7	11.4	0.6
México	3.5	1.2	25.4	16.3	3.9
Países Baixos	28.4	45.8	40.0	16.1	11.0
Nova Zelândia	2.6	4.8	4.4	3.3	0.3
Noruega	1.5	6.2	10.2	5.3	0.4
Polónia	2.8	7.3	10.4	3.5	0.5
Portugal	5.4	2.9	9.8	0.8	0.7
Eslováquia	0.0	0.1	1.8	1.3	3.4
Espanha	17.0	13.0	24.9	9.7	9.6
Suécia	14.0	58.7	29.0	12.8	3.9
Suíça	16.4	19.0	28.4	17.4	5.9
Turquia	0.3	0.1	3.6	0.7	0.1
Reino Unido	80.5	147.6	214.8	112.7	30.9
EUA	189.8	265.9	269.5	188.0	34.3
Outros países seleccionados					
Israel	3.6	4.8	3.5	4.6	0.4
Hong Kong, China	3.7	9.5	15.1	13.8	0.4
China	4.5	10.2	45.2	5.4	1.5
Singapura	0.8	5.9	2.2	6.3	0.4
Brasil	31.1	11.1	34.4	9.6	2.9

Argentina	12.7	25.1	11.5	5.5	0.1
Chile	2.7	8.3	4.6	5.1	1.6

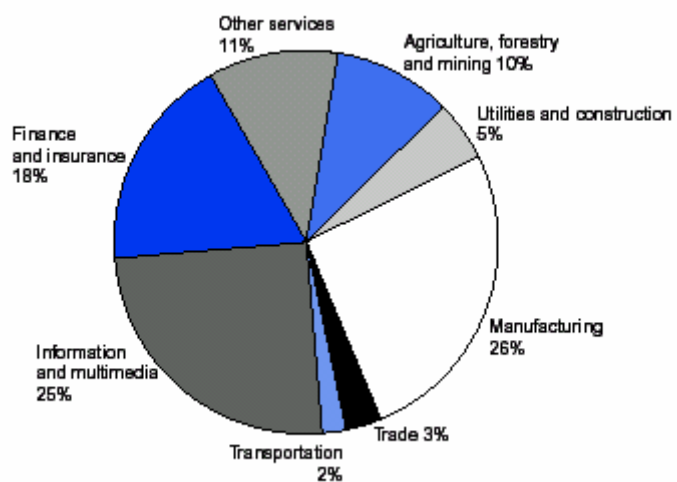
Fonte: Dealogic.

Quadro 3. Fusões e aquisições internacionais, fluxos de saída por país

	(milhares de milhões de USD)				
	1998	1999	2000	2001	Jan.-12Jun. 2002
OCDE	545.9	803.2	1115.8	573.3	185.2
Austrália	6.8	10.8	7.0	37.0	5.5
Áustria	1.4	2.2	3.6	1.3	0.9
Bélgica-Luxemburgo	6.1	11.7	19.1	21.7	4.1
Canadá	40.2	16.4	42.0	30.0	4.9
República Checa	0.0	0.0	0.0	0.0	0.1
Dinamarca	2.5	5.8	6.6	4.3	0.9
Finlândia	10.4	4.0	13.0	9.1	3.8
França	39.8	124.6	151.6	66.9	24.4
Alemanha	77.2	112.8	80.6	70.5	26.6
Grécia	1.3	0.6	4.0	0.2	0.3
Hungria	0.1	0.0	0.4	0.0	0.0
Islândia	0.0	0.0	0.1	0.0	0.1
Irlanda	3.6	3.6	4.8	1.8	0.4
Itália	13.1	14.7	19.7	21.8	3.1
Japão	8.1	21.6	22.7	21.8	1.9
Coreia	0.1	0.1	1.6	0.1	0.0
México	0.4	4.1	4.6	0.7	0.8
Países Baixos	38.6	48.5	71.1	31.9	13.2
Nova Zelândia	0.1	1.0	1.2	0.6	0.0
Noruega	1.2	1.5	7.9	2.5	4.4
Polónia	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Portugal	4.7	2.4	5.4	1.7	0.9
Eslováquia	0.0	0.0	0.0	0.0	0.0
Espanha	17.0	34.7	60.3	8.5	5.2
Suécia	30.4	12.4	22.9	11.5	3.2
Suíça	27.7	15.1	41.7	21.2	0.9
Turquia	0.1	0.6	0.0	0.0	0.0
Reino Unido	106.3	196.7	372.6	84.6	32.5
EUA	108.8	157.2	151.2	123.4	47.1
Outros países seleccionados:					
África do Sul	3.4	6.5	4.3	2.1	0.85
Bermudas	11.8	38.0	10.4	16.4	1.3
China	2.0	0.7	1.4	1.4	0.5
Hong Kong, China	7.0	13.6	48.9	4.9	1.9
Singapura	0.6	5.0	14.5	16.2	0.9

Fonte: Dealogic.

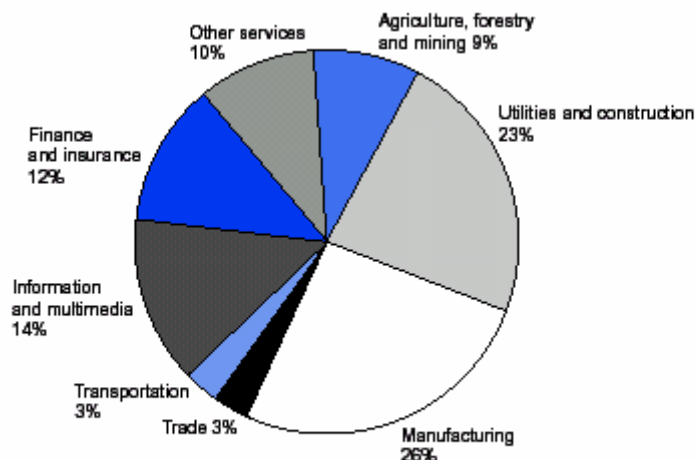
Figura 2. Fluxos mundiais de F&A (por sector destinatário)



Painel A. 2001

Sector agrícola, florestal e mineiro 10%
Empresas de serviço público e construção 5%
Indústria 26%
Comércio 3%
Transportes 2%
Informação e multimédia 25%
Finança e seguros 18%
Outros serviços 11%

Painel B. Janeiro a inícios de Junho de 2002



Sector agrícola, florestal e mineiro 9%
 Empresas de serviço público e construção 23%
 Indústria 26%
 Comércio 3%
 Transportes 3%
 Informação e multimédia 14%
 Finança e seguros 12%
 Outros serviços 10%

Fonte: Dealogic.

c) Casos concretos de fusões e aquisições e de transferências de propriedade

Uma análise das maiores transacções internacionais respeitantes a fusões e aquisições contribui para explicar melhor as diferenças entre países – e, sobretudo entre sectores – que emergiram em 2001 e 2002.

1) Principais transacções em 2001

A predominância dos fluxos EUA-Reino Unido tornou-se menos pronunciada em 2001...

Em 2001, as mais importantes transferências internacionais de propriedade tiveram maioritariamente origem e destino nas maiores economias mundiais, abrandando significativamente a predominância de fusões e aquisições internacionais entre empresas dos EUA e do Reino Unido, bem evidente nos números relativos a 1999 e 2000. Quanto à distribuição por sector, grande parte das maiores fusões e aquisições realizadas em 2001 dizem respeito a empresas de telecomunicações, instituições financeiras e empresas mineiras e de extracção de minério.

... uma vez que os investidores se centraram principalmente nas empresas de telecomunicações...

O sector dominante foi, de longe, o dos *serviços de telecomunicações*. A maior transacção internacional de 2001 envolveu a compra da VoiceStream Wireless Corporation, operador de rede telefónica e de televisão digital dos EUA, pelo operador Deutsche Telekom, da Alemanha. O negócio, avaliado num total de 24600 milhões de USD, realizou-se através de OPA combinada com permuta de acções. Por ordem de grandeza, os outros maiores negócios fechados em 2001 no sector das telecomunicações foram os seguintes: a segregação do operador de telecomunicações móveis do Reino Unido mm02 a um grupo de investidores internacionais, pelo valor de 11200 milhões de USD; a aquisição pela British Telecom de uma participação de 45 por cento na empresa Viag Interkom, da Alemanha, pelo preço de 10400 milhões de USD; o aumento para 16 por cento da participação total detida pela empresa NTT DoCoMo, do Japão, no capital da AT&T Wireless Group, dos EUA, pelo valor de 9800 milhões de USD; a aquisição da empresa australiana Cable and Wireless Optus pela Singapore Telecommunications, pelo valor de 6500 milhões de USD; a aquisição da Bell, do Luxemburgo, pela Pirelli, de Itália, pelo valor de 6100 milhões de USD; e a venda de 13,2 por cento das acções da empresa Orange, de França, a um grupo de investidores internacionais, pelo valor de 5800 milhões de USD.

... seguidas pelas instituições financeiras...

No *sector financeiro*, uma seguradora e um banco foram objecto de aquisições internacionais por valores da mesma ordem de grandeza. O grupo segurador AXA, de França, assumiu a propriedade plena da sua subsidiária AXA Financial, dos EUA, onde anteriormente detinha participação maioritária, adquirindo 40 por cento das acções da empresa pelo preço de 13700 milhões de USD. O banco Citigroup, dos EUA, lançou uma OPA sobre o Grupo Financiero Banamex, do México, pelo valor de 12700 milhões de USD. Outro grande negócio com incidência no sector financeiro foi a permuta de acções no valor de 10200 milhões de USD que permitiu à Tyco International, das Bermudas, controlar a empresa de serviços CIT Group, dos EUA (desenvolvendo esta última actividade no sector financeiro e no dos serviços comerciais e ao consumidor). Por fim, o grupo bancário chinês Dao Heng, de Hong Kong, foi adquirido pela DBS Group Holdings, de Singapura, pelo valor de 5800 milhões de USD.

... e pelas empresas mineiras e de extracção de minério.

Em 2001, a maior transacção no *sector mineiro e da extracção de minério*, pelo valor de 11900 milhões de USD, foi a fusão entre a Billiton, do Reino Unido, e a BHP, da Austrália, dando origem ao maior grupo mundial no sector dos recursos naturais. Outro negócio importante foi a privatização da De Beers Consolidated Mines, que conduziu à aquisição de 60,2 por cento do capital social da empresa pela sociedade DB Investments, do Luxemburgo. Esta empresa é conjuntamente detida pela Anglo American, pela Central Holdings e pela Debswana Diamond Company. O produtor canadiano de petróleo e gás Gulf Canada Resources foi adquirido pela Conoco, dos EUA, por 4300 milhões de USD.

Fora dos principais sectores de actividade, a maior transacção internacional realizada em 2001 foi a aquisição de acções no valor de 17300 milhões de USD na empresa de restauração Compass Group, do Reino Unido, pelos accionistas já existentes.

2) 2002, até agora

No primeiro semestre de 2002, o sector energético ascendeu ao topo da lista...

O *sector energético* desempenhou um papel destacado nos negócios celebrados durante o primeiro semestre de 2002. A maior transacção concluída foi a OPA lançada pela BP, do Reino Unido, sobre o operador energético integrado Veba Öl, da Alemanha, pelo valor de 5600 milhões de USD. O produtor de petróleo e gás Enterprise Oil, do Reino Unido, foi adquirido pelo grupo Royal Dutch/Shell, dos Países Baixos, pelo valor de 5 mil milhões de USD, e a Duke Energy Corporation, dos EUA, comprou o operador de gás natural canadiano Westcoast Energy, por 3400 milhões de USD. Entre produtores e distribuidores de electricidade, a Innogy Holdings, do Reino Unido, foi adquirida pela RWE, da Alemanha, por 4400 milhões de USD, e o National Grid Group, do Reino Unido, adquiriu a Niagara Mohawk Holdings, dos EUA, por 3 mil milhões de USD.

... enquanto que os negócios no sector das telecomunicações quase pararam.

A única grande transacção no *sector das telecomunicações* concluída em 2002 foi a aquisição da E-Plus Mobilfunk, da Alemanha, pela Koninklijke KPN, dos Países Baixos, por 3400 milhões de USD. Dos grandes negócios realizados noutros sectores, refiram-se, em especial, a aquisição da empresa de produtos químicos francesa Aventis CropScience, pela Bayer, da Alemanha, por 6600 milhões de USD; a aquisição do produtor de tabaco alemão Reemtsma Cigarettenfabriken pelo Imperial Tobacco Group, do Reino Unido, por 4600 milhões de USD; e a aquisição pela Kingfisher, do Reino Unido, do grupo retalhista francês Castorama Dubois Investissement, por 4300 milhões de USD.

3) *Ainda por realizar*

Há ainda várias grandes transacções pendentes...

Diversas grandes fusões e aquisições já anunciadas, encontram-se porém pendentes. A maior de todas será a compra de 84,3 por cento da especialista em desenvolvimento de produtos farmacêuticos Genentech, dos EUA, pela empresa médica suíça Roche Holding, no valor acordado de 15800 milhões de USD.

...muitas das quais são aquisições adiadas de empresas de telecomunicações...

O *sector das telecomunicações* é responsável por algumas das maiores fusões e aquisições pendentes de realização. Entre as maiores transacções anunciadas, refira-se a aquisição do operador de telecomunicações móveis Anhui Mobile Communication, da China continental, pela chinesa China Mobile, de Hong Kong, no valor de 10200 milhões de USD. No âmbito de uma transacção relacionada com o processo de privatização, está previsto que a empresa Sonera Oyj, da Finlândia, seja adquirida pela sueca Telia, pelo valor de 9 mil milhões de USD.

... e de outras empresas de serviço público.

Além das telecomunicações, há outras *empresas de serviço público* que ocupam um lugar de destaque na lista de transacções futuras. Por exemplo, o produtor de electricidade E.ON, da Alemanha, concordou em comprar a Power-Gen, do Reino Unido, por 7300 milhões de USD; está previsto que a empresa de abastecimento de água American Water Works, dos EUA, seja adquirida pela RWE, da Alemanha, por 4700 milhões de USD; e a empresa Vivendi, de França, anunciou que vai pagar 3 mil milhões de USD pela empresa de abastecimento de água Southern Water, do Reino Unido.

Por fim, há algumas operações pendentes de finalização nos *sectores orientados para a venda a retalho*. No âmbito de uma dupla transacção, a P&O Princess Cruises, do Reino Unido, irá adquirir a empresa Royal Caribbean Cruises, dos EUA, por 3 mil milhões de USD, sendo por sua vez adquirida pela Carnival Corporation, dos EUA, por 5500 milhões de USD. A South African Breweries (registada no Reino Unido) irá adquirir a cervejeira Miller Brewing Company, dos EUA, por 5600 milhões de USD.

Índice da versão original inglesa da publicação *(sem anexos, nem listas de caixas, quadros e gráficos) :*

Tendências e Evolução Recente do Investimento Directo Estrangeiro (IDE)

- I. Tendências recentes
- II. Tendências do IDE a mais longo prazo

Investimento Estrangeiro no Desenvolvimento Regional da China: Perspectivas e Desafios Políticos

- I. IDE na China
- II. Padrões genéricos do desenvolvimento regional e da atracção de IDE na China
- III. Determinantes principais dos fluxos de IDE dirigidos à China: considerações teóricas
- IV. O IDE no desenvolvimento económico das regiões costeiras da China
- V. Para um desenvolvimento económico do interior da China conduzido pelo IDE
- VI. Incidências no desenvolvimento regional da adesão da China à OMC
- VII. Recomendações em matéria de políticas públicas

As Empresas Multinacionais e a Qualidade da Governação Pública:

Um Estudo de Caso no Sector das Indústrias Extractivas

- I. Papel da empresa na sociedade – o que significa responsabilidade empresarial?
- II. Iniciativas privadas em prol da responsabilidade empresarial – situação actual
- III. Contributos da sociedade – governação pública e comportamento privado
- IV. Responsabilidade empresarial e relações com o país anfitrião – a voz da indústria extractiva
- V. Avaliação – questões estratégicas enfrentadas pelas empresas da indústria extractiva
- VI. Contributo da OCDE – análise entre iguais e normas brandas
- VII. Conclusões e etapas seguintes

Êxito na Liberalização dos Movimentos de Capitais:

Uma Questão de Governação – A Experiência Recente da OCDE

- I. Impulso liberalizador entre 1980 e 1990: desregulação e desenvolvimento do sector financeiro
- II. Adesão de seis novos membros ao Código dos Movimentos de Capitais, 1994 – 2000
- III. Liberalização dos fluxos de entrada de IDE: Políticas industriais e propriedade estrangeira
- IV. Participação estrangeira no sector financeiro:
vantagens para o desenvolvimento versus controlo nacional
- V. Liberalização e outras operações de balança de capitais:
Políticas monetárias e cambiais, protecção do investidor e excesso de volatilidade
- VI. Conclusões e ensinamentos

Análise Económica dos Incentivos ao Investimento Internacional

- I. Razões do investimento das empresas no estrangeiro
- II. Incentivos ao investimento e IDE
- III. Investimento Directo Estrangeiro e efeitos indirectos
- IV. Justificam-se os incentivos ao investimento internacional?
- V. Observações finais

Esta síntese é uma tradução dos excertos da publicação original da OCDE publicada com os seguintes títulos em Inglês e Francês:

**International Investment Perspectives: 2002 Edition
Perspectives de l'investissement international: Edition 2002**

© 2002, OECD.

As publicações e as sínteses da OCDE estão disponíveis na livraria em linha da OCDE no website www.oecd.org/bookshop/

Na livraria em linha da OCDE no campo "Title Search" digite "overview" ou digite o título da publicação em Inglês (a ligação às sínteses através do título original em Inglês).

As sínteses são preparadas pela Rights and Translation unit,
Public Affairs and Communications Directorate.
email : rights@oecd.org / Fax: +33 1 45 24 13 91



© OECD, 2003

A reprodução desta síntese é permitida desde que sejam mencionados o copyright da OCDE e o título original.